

PRÓLOGO

Sigarr manteve a postura altiva, enquanto percorria os jardins do Castelo de Cristal, rumo à Cascata Sussurrante. Não obstante o indulto ao seu passado, concedido pelo Conselho dos Seres Superiores, os demais feiticeiros continuavam a fixá-lo de soslaio, com manifesto desprezo. Comentários pouco elegantes eram ciciados como se cuspidos, sempre que o viam pelas costas. Embora ignorasse as afrontas, Sigarr fervia por dentro quando estas lhe arranhavam os ouvidos. Se não estivesse tão perto de alcançar o seu objetivo, prestes a receber o prêmio que lhe era devido, há muito teria revelado a cor da sua sanha.

— Lá vai o proscrito — sibilava uma anciã à jovem pupila, num claro aviso para que esta não se cruzasse no seu caminho. — Não sei como o Conselho permite que aquela criatura aleivosa e os monstros que o seguem conspirquem o nosso solo sagrado... É aviltante!

O mestre da Arte Obscura rangeu os dentes e aligeirou o passo. Não se deixaria indispor pelo cacarejar de uma galinha velha! Para quê desperdiçar tempo a pregar-lhe nas presunçosas fuças que aviltante era a incompetência revelada pelos seus governantes, ao longo de centenas de anos? Os entes que se comparavam aos deuses tinham sido incapazes de acompanhar a evolução das culturas terrenas, agarrando-se como ineptos a leis comprovadamente ineficazes e prejudiciais para o equilíbrio das energias que sustentavam o universo. Fora o próprio Conselho

que conduzira a Ilha Sagrada a esse impasse! Magnificência... Omnipotência... Agnosia grosseira, isso sim! Todavia, em breve, sua excelsa fedúcia e outros como ela seriam obrigados a curvar-se diante do proscrito... Isso, se quisessem preservar as misérentas vidas!

A melodia refrescante da cascata acabou por dissipar os rumores que lhe acirravam a ira. Aos poucos, conseguiu abstrair-se e admirar a beleza que o rodeava. O verde perfeito daquelas margens testemunhara os anos da sua inocência, enquanto crescia na companhia da irmã Aesa, dos primos e dos amigos, saltitando sobre as rochas rosadas, mergulhando na água transparente ou simplesmente repousando sem nenhuma preocupação. Fora aqui que confessara o seu amor a Aranwen... E fora aqui que chorara de desespero quando ela o abandonara.

A pedra côncava onde muitas vezes se sentara a estudar convidava-o a um momento de descontração. Apesar de se encontrar coberta de musgos, o feiticeiro não cuidou pelo alvor das suas vestes. Na Ilha Sagrada nada se sujava, estragava ou fenecia. Tudo era verdadeiro sem efetivamente o ser. Os petizes podiam criar um charco e ensopar-se na lama, que regressariam secos e limpos às suas casas. Esse era o encanto da magia; a excelência da perfeição e do conforto que Sigarr sempre prezara.

No instante em que o Conselho decretara o seu degredo, o mestre da Arte Obscura jurara que, cedo ou tarde, haveria de regressar a casa como um herói e cuspir no rosto daqueles que o tinham condenado. Esse dia estava a chegar! Assim que o seu pupilo se tornasse Filho do Dragão, ele reclamaria o lugar de Mestre Supremo e governaria os Seres Superiores como sempre ambicionara. A sua vingança seria perfeita e implacável! Todavia... Porque se sentia tão vazio? Ultimamente, dava por si a questionar: depois de experimentar as emoções da vida na Terra, desejava realmente voltar à Ilha Sagrada?

Fitou, com um ar perdido, as tatuagens que lhe enfeitavam os pulsos, testemunho da sua herança de sangue. Num fôlego dolente, recordou o dia em que prestara juramento pela Ordem do Dragão. As imagens do Guardiã da Montanha a contorcer-se na sua carne em perseguição da Lua já tinham sido motivo de

grande orgulho... Hoje, pareciam-lhe meros borrões despojados de magia. Há muito que não as sentia pulsar e fulgurar; alimentar e sublimar a sua essência com a mais pura das energias. Estavam adormecidas... Pior, exânimes! Tão moribundas quanto o seu ânimo! Maldição... Porque se permitia amargar com dúvidas, a um passo da vitória?

De súbito, uma borboleta pousou-lhe no joelho. O feiticeiro mirou-a, perplexo, e, tomado por uma estranha comoção, abriu um sorriso e tocou-lhe gentilmente nas asas. A borboleta agitou-as, como se deleitada com a carícia... Então, ao tomar consciência do seu gesto, Sigarr libertou um grunhido de fúria. Num ímpeto, fechou os dedos e esmagou o inseto. Uma nuvem de partículas coloridas dispersou-se no ar, como se o delicado ser se tivesse desfeito em pó. De seguida, já longe das mãos perversas, a poeira cintilante tornou a concentrar-se e assumiu forma. A borboleta renascia sob a influência mística da Ilha Sagrada e apressava-se a fugir do seu algoz.

— O que é que te dá mais prazer, Sigarr? Respirar ou destruir?

O renegado ergueu uma sobrancelha, surpreendido. A recém-chegada ocultara o vogar da sua essência, para se aproximar sem ser notada. Se qualquer outro tivesse presenciado o seu descontrolo, Sigarr teria ficado furioso... Porém, a jovem que se quedava à sua frente era especial! Rapidamente, recuperou a compostura e trespassou-a com o olhar azul-celeste, provocando-a com um sorriso sedutor:

— Porque não te sentas juntinho a mim, Íris? Terei todo o gosto em mostrar-te o que me dá prazer!

Ela forçou um sorriso zombeteiro, mas a sua voz soou gélida ao ripostar:

— Sabes que a tua grosseria não me causa o menor abalo.

— Sei — mastigou secamente. — Mas estou disposto a tudo para não ter de te aturar!

Sigarr mentia. De facto, no início, as constantes intrusões à sua privacidade tinham-no irritado. Porém, com o decorrer do tempo, o jogo do gato e do rato que o Conselho lhes impusera começara a diverti-lo, ao ponto de secretamente apreciar a com-

panhia da sua contraditora. E ela tinha consciência disso, pois encarava-o sem temor, apesar de conhecer a negridão da sua alma. Decidiu continuar a aossá-la, forjando uma impaciência que não sentia:

— Senta-te de uma vez, criatura molesta, antes que eu fique com um torcicolo! Ser obrigado a ouvir os teus dislates já é suficientemente mau!

A feiticeira ignorou a desfaçatez e encaminhou-se para a pedra mais próxima. Ajeitou o vestido delicado e descalçou as sandálias prateadas, antes de se acomodar e mergulhar os pés na água fresca. Sigarr observou-a com um trejeito sobranceiro e não se coibiu de escarnecer:

— Para quê tantos melindres? Como se te fosses sujar...

— Vejo que estás com uma excelente disposição! — ironizou a jovem, impassível. — Queres contar-me o que te apoquenta? Sempre há de ser mais interessante do que matar borboletas...

— Matar? — recalcitrou o mestre da Arte Obscura. — Como posso matar algo que não existe? Nós estamos rodeados de ilusões! Animais, terra, água, pedras... É tudo falso!

Calou-se abruptamente, ao perceber que gritava. Porém, mais grave do que se ter permitido dominar pela ira, fora cuspir, palavra a palavra, a frustração que o estrangulava. Praguejou entredentes. Continuava sem entender como é que Íris conseguia tirá-lo do sério. Por mais que se tentasse refrear, acabava sempre por se expor diante dela, como se aquele olhar castanho, cândido e doce, lhe avassalasse a vontade e virasse do avesso, impedindo quaisquer embustes.

A feiticeira franziu o sobrolho e redarguiu, cautelosa:

— Não entendo, Sigarr... Estás a menosprezar a perfeição da Ilha Sagrada? Por acaso preferes a precariedade da vida na Terra? A magia que nos envolve não é uma ilusão. É... uma graça divina! Contestas que, comparados com o Homem ou até com as demais raças de sangue antigo, tenhamos o privilégio de desfrutar de uma existência abençoada?

— Contesto! — firmou o renegado, assumindo um ar severo. E, num ápice, saltava para o lado de Íris e mergulhava no seu olhar, grazinando: — Queres mesmo saber o que me vai na

alma? A existência na Ilha Sagrada nada tem de abençoada... É insípida e frívola, despida de propósito! O voto que o Conselho vos forçou a tomar, de não voltardes à Terra, mais não é do que um pretexto para conquistar uma subserviência cega. Se os simplórios ignorarem que existe um oásis para além do deserto, não serão atormentados pela vontade de explorá-lo!

— A Terra não é nenhum paraíso! — replicou a jovem, tentando manter-se firme sob o intenso olhar azul. — Está repleta de armadilhas, de dor e morte...

— Está repleta de vida! — adversou o feiticeiro. E repetiu pertinaz: — De vida, Íris, não de fantasias enfadonhas! Queres convencer-me de que não sentes curiosidade de experimentar a vida como ela realmente é?

— Não, não sinto!

— Até poderia acreditar em ti, se não fosses uma *Observadora*!

— O que é que isso tem a ver com o assunto?

— Diz-me... Quantos *Observadores* existiam quando te tornaste aprendiz de Hakon? E quantos escolheram ficar aqui quando o Conselho vos proibiu de pisar a Terra? Pelo que sei, és a única que resta...

— Eu valorizo a tranquilidade. Quase todos os *Observadores* que se deixaram seduzir pelo caos da realidade do Homem estão mortos.

— E tu estás viva, Íris? Ou melhor, sentes-te viva?

A jovem engoliu em seco, tentando disfarçar o quanto as questões de Sigarr a perturbavam. Todavia, sabia que estava a falhar! Desta feita, fora ele quem cravara a unha no seu ponto fraco e arranhara o véu que encobria o mais secreto dos seus segredos. Encheu o peito de ar, lutando contra a vontade de se afastar. Se não reagisse depressa, estaria em sérios apuros; a sua autoridade de *Observadora* irremediavelmente perdida! Sigarr jamais se resignara ao facto de o Mestre Supremo a ter incumbido de vigiá-lo... E, após tantos anos, conseguira abrir uma brecha nas suas defesas.

No dia em que o Conselho dos Seres Superiores aceitara negociar a concretização da profecia do Filho do Dragão, o Mestre Supremo convocara Íris e ordenara-lhe que não perdesse de

vista o feiticeiro renegado. No entanto, há bastante tempo que a jovem observava Sigarr, discretamente. A atribulada história da família que constituía a Ordem do Dragão sempre a apaixonara. Íris era ainda uma aprendiz quando o Sacerdote Hakon, Guardião da Lágrima do Sol, se aliara à Sacerdotisa Aranwen na missão de proteger a raça humana. Na altura, Sigarr, Guardião da Lágrima da Lua, primo de Hakon e noivo de Aranwen, era um membro respeitado da nobreza. Quem poderia imaginar as reviravoltas que a sua vida acabaria por sofrer?

Fora com vero assombro que Íris assistira à paixão de Aranwen por um guerreiro humano e à sua consequente expulsão da Ilha Sagrada. Enlouquecido pelo desgosto causado pela perda da amada, Sigarr deixara-se tentar pelo lado negro da magia e fora igualmente castigado com o exílio na Terra. Por sua vez, Hakon encantara-se por uma jovem humana e sofrera a mesma sorte. E, de repente, os cristais que continham o Conhecimento Absoluto, tão valiosos para os Seres Superiores, vogavam à deriva, longe do seu controlo, nas mãos de entes de sangue misto que não tinham noção do perigo que estes representavam.

Movidas pela curiosidade, Íris e a sua amiga Hilda tinham acompanhado sigilosamente as aventuras dos herdeiros de Hakon e de Aranwen, fascinadas com as tribulações que o destino lhes impunha. Porém, tal como os demais *Observadores* que as haviam precedido, Hilda também resolvera abandonar a Ilha Sagrada. E Íris vira-se sozinha no encargo de comunicar ao Conselho todos os passos dos descendentes da Ordem do Dragão... Ou, a bem da verdade, alguns passos, pois há muito que o seu coração se debatia com um perigoso dilema; um conflito que a transtornava, que lhe roubava o sono e que a levava a cometer desatinos, tais como confrontar Sigarr, nesse momento em que uma simples oscilação de vontade podia alterar a sorte da Terra.

Hoje, a *Observadora* hesitara longamente antes de ir ao encontro do mestre da Arte Obscura. E, diante dele, continuava a vacilar... Sigarr era tão perigoso quanto uma fera ferida! Ao estender-lhe a mão, era mais provável receber uma dentada do que obter reconhecimento. E uma dentada podia ser-lhe fatal! Porém, que opção lhe restava, senão apelar ao único ente com

poder para travar a roda da perdição que ameaçava o mundo? Tinha de encarar as últimas declarações de Sigarr como um sinal de que iria ajudá-la... Encheu-se de coragem e desafiou a ardência do olhar celeste, interpelando:

— Se és tão adverso à vida na Ilha Sagrada, porque queres regressar?

Praticamente com o nariz colado ao dela, num claro esforço para intimidá-la, Sigarr rebateu:

— Eu firmei um acordo, *Observadora*...

— Que nunca tencionaste cumprir! O teu verdadeiro objetivo é derrubar o Mestre Supremo e ocupar o seu lugar.

— Se possuis essa desconfiança, porque nunca me denunciaste?

— Quem te garante que não o fiz?

— Ora, Íris! Uma palavra tua e Celsus ter-me-ia submetido a um interrogatório; dissecado a minha mente até se assegurar da minha lealdade. Logo, impõe-se uma questão: se achas que eu pretendo derrubá-lo, porque me encobriste? Não foi, decerto, pelos meus lindos olhos...

Então, ela baixou a cara... E Sigarr franziu o sobrolho com estranheza. Íris estava a esconder-lhe algo! Devia pressioná-la, coagi-la a falar... Porém, deu por si a afastar-se para permitir-lhe respirar. Os seus punhos cerraram-se e o maxilar comprimiu-se, incapaz de entender por que recuava. Estaria a amolecer? Esta podia ser a sua oportunidade de se livrar da sombra impertinente da *Observadora*! Todavia, por alguma insana razão, tinha de admitir que não era isso que desejava. Gostava de Íris... Raios! Gostava mesmo! Nos últimos anos, ela aproximara-se demasiado daquilo que, em tempos, ele considerara uma amiga.

Deteve-se a fixá-la como se a visse pela primeira vez. O rosto feminino não possuía o requinte etéreo dos seus pares, que, por vezes, os tornava rígidos como bonecos de madeira, incapazes de expressar uma emoção. A sua beleza era quase humana... Simples e fascinante! O castanho-dourado do olhar fundia-se com a cor sóbria dos cabelos que lhe roçavam a cintura. Não era alta e possuía formas que alguns considerariam vantajadas para um ser do ar. Seria por isso que não tinha pretendentes? Não! Ela não despertava paixões por ser demasiado convicta e persistente,

inteligente e audaz, independente... Nenhum homem queria levar para dentro de casa uma mulher capaz de ensombrá-lo na sagacidade e na destreza!

Esse pensamento fez Sigarr sorrir. Íris voltava a encará-lo, com as faces coradas e um olhar angustiado. O que se passaria na sua cabeça? Talvez fosse melhor não descobrir. Já tinha muito com que se inquietar! Esboçou um gesto apaziguador e levantou-se, enunciando:

— Fiquemos por aqui... — Contudo, não resistiu a acrescentar: — Sabes que, por vezes, lamento que não exista a menor chama entre nós? Faríamos um par imbatível!

Tencionou partir, mas Íris pulou no seu encalço e agarrou-lhe o braço, rogando num ímpeto:

— Por favor, Sigarr, desiste de concretizar a profecia!

Assombrado, prendeu-a pelos ombros e titubeou:

— O quê? Perdeste o tino?

A *Observadora* susteve o seu olhar e continuou, arquejante mas determinada:

— Tive uma Visão do futuro... E o que vi foi terrível! A ascensão do Filho do Dragão há de desencadear uma catástrofe! Temos de pôr fim à guerra para evitar essa desgraça. Ainda estás a tempo de deter a frota que avança sobre a Ilha dos Sonhos...

— Só podes estar a brincar... — mastigou o mestre da Arte Obscura.

— Eu não brinco com coisas sérias — rebateu a jovem, afogueada. — O sangue de centenas de homens está prestes a ser derramado...

— Para imediatamente! — rugiu Sigarr, sacudindo-a. — O que é isto, afinal? Um teste? Celsus ordenou-te que averiguasses a minha resolução? Pois podes assegurar-lhe que as Lágrimas do Sol e da Lua estarão nas suas mãos, antes que a noite cubra a Ilha dos Sonhos!

Soltou-a abruptamente e começou a afastar-se, com as faces inflamadas de fúria. Contudo, Íris tornou a detê-lo, pondo-lhe as mãos sobre o peito e retrucando, suplicante:

— Celsus não sabe que te procurei... Por favor, Sigarr! Escuta-me! Vim ao teu encontro atormentada pela dúvida, incapaz de

decidir se podia ou não confiar em ti... Mas a nossa conversa fez-me acreditar que sim! O que te estou a dizer é grave...

— É mais do que grave, Íris! É traição! E eu ainda não percebi o que pretendes... Queres que acredite que a portentosa *Observadora* conspira contra os planos do Conselho?

— Recordas-te do que disseste? Tal como os demais *Observadores*, não pude evitar apaixonar-me pela Terra e pela história do Homem! — Ao vê-lo negar com a cabeça, acrescentou: — Sim, é verdade! Desejo salvar a raça humana...

— Então, porque não desces à Terra e lutas ao seu lado? Tens medo de cair em desgraça perante aqueles que estimas? De perderes a tua preciosa magia e seres corrida a pontapé da Ilha Sagrada? De te tornares uma proscrita, como eu?

— Não me entendeste — afligiui-se a jovem. — A minha vontade de preservar a Terra não implica que queira abandonar a Ilha Sagrada! É justamente por amor a este solo que me oponho à deplorável decisão do Conselho... A guerra há de destruir a alma do nosso povo!

— Basta, Íris! — sustou Sigarr, afastando-a com brusquidão. — Vou fazer-te um favor e fingir que não tivemos esta conversa! Porque, se estás a pôr-me à prova, devia torcer-te o pescoço... E, se falas a sério, és tão néscia que não mereces consideração! Nada irá travar a profecia.

— Então, estamos condenados — altercou a *Observadora*. E sacudiu os ombros, desabafando a sua agonia: — Como senhor do Conhecimento Absoluto, Halvard acabará por impor a sua vontade, não só ao Homem, mas também aos Feiticeiros. Destruirá a Terra e a Ilha Sagrada...

— Nunca! Halvard deve-me obediência...

— O Filho do Dragão não acatará ordens de ninguém! E tu sabes que tenho razão... A sua verdadeira natureza já começou a manifestar-se! Quanto mais tentas refrear-lhe os ímpetos, mais ele se insurge contra as regras. Não tardará a rebelar-se contra ti...

— Isso é tolice!

— Juro que não! Mas se impedires que um massacre ocorra na Ilha dos Sonhos...

— A Ilha dos Sonhos há de arder! E eu hei de dançar sobre as suas cinzas e espezinhar os ossos dos meus inimigos!

O clamor de Sigarr silenciou a argumentação de Íris; calou o canto dos pássaros que se empoleiravam nos ramos das árvores, o zunido dos insetos que povoavam os arbustos e coloriam a lagoa, o coaxar das rãs que repousavam nas folhas das plantas aquáticas... Por instantes, nada se ouviu além da melodia da cascata a misturar-se com o fôlego entrecortado dos feiticeiros. Quedavam-se frente a frente; a frágil cumplicidade que tinham partilhado irremediavelmente perdida. Os olhos castanhos estavam inundados de lágrimas; os azuis chispavam. O mestre da Arte Obscura ainda abriu a boca como se fosse acrescentar algo. Todavia, acabou por esboçar um gesto de impaciência, deixando a *Observadora* para trás. Frustrada, foi ela quem porfiou, lançando as palavras às suas costas como punhais:

— Devias amar muito Aranwen, para tombares nessa voragem de ódio e retaliação cega, que já cruzou gerações! Porém, és tolo se julgas que a vingança te trará o mínimo conforto...

De repente, Sigarr urrou. E, antes que Íris sequer pensasse em reagir, acometeu contra ela com a mão erguida, berrando furibundo:

— Nunca mais pronuncies esse nome à minha frente! Ouviste? Nunca mais!

Então, recuou tão inesperadamente como investira. A jovem vacilou, com a respiração presa. O mestre da Arte Obscura não lhe tocara, mas ela sentira toda a veemência do seu rancor. Apesar de se ter afastado, os olhos azuis continuavam a fixá-la, dilatados e inundados por uma dor impossível de dissimular. Só nesse instante, a *Observadora* tomou plena consciência do sofrimento que dilacerava o coração daquele homem. E ousou uma tentativa de reconciliação, murmurando compungida:

— Lamento, Sigarr! Lamento muito...

Prontamente, ele impôs-lhe distância e contendeu:

— Guarda as tuas lágrimas e suspiros para quando estiveres a observar o fim da Ilha dos Sonhos! Não tenhas dúvidas, Íris... A vingança é o único prazer que me mitiga a alma! Enquanto existir um sopro de vida no meu corpo, a rameira que me aban-

donou não descansará em paz. Nos confins do submundo, há de assistir impotente ao extermínio dos seus herdeiros e à ruína da sua obra, até nada restar que me obrigue a recordar a sua perfídia. E se, para isso, for necessário sacrificar a Terra, que assim seja!

Íris rangia os dentes, assolada pelo desespero. Quantas vidas se iriam perder porque ela falhara em apelar à consciência de Sigarr? A discussão na Cascata Sussurrante provara que a demanda do mestre da Arte Obscura não dimanava da ânsia de regressar à Ilha Sagrada, nem de recuperar o título de Guardião da Lágrima da Lua... Há décadas que a sua razão estava a ser consumida pela dor! E o que mais indignava a *Observadora* era ver o Mestre Supremo e o Conselho a pactuarem com tamanha loucura, convictos de que acabariam por retirar benefícios da desventurada história do renegado.

A névoa mística fluiu através do Observatório e a superfície espelhada do Óculo do Tempo estremeceu, revelando a poderosa frota que rasgava as ondas do mar, comandada pelos pupilos de Sigarr. O porto da Enseada da Fortaleza fora destruído pela abominável magia do rei Deimos do Povo do Fogo... E o *drakkar* da rainha Thora do povo viquingue fazia a sua aparição.

— *Querida sobrinha, tens de te apressar* — bradava Lorde Stefan McGraw, por entre o estridor horrorizado da multidão que se apinhava nos despojos do ancoradouro. — *Eles dirigem-se para a Ilha dos Sonhos...*

Observar sem interferir... Íris estava proibida de se imiscuir nos assuntos do Homem e obrigada a relatar ao Mestre Supremo todos os factos de relevância. Para já, as informações sobre os descendentes dos proscritos Hakon e Aranwen eram prioritárias. O Conselho desejava resgatar os cristais mágicos conhecidos como Lágrimas do Sol e da Lua, para concretizar a profecia do Filho do Dragão. E os pupilos de Sigarr tudo fariam para cumprir esse propósito... Porém, a sua empresa estava condenada ao fracasso! As Lágrimas não se encontravam na Ilha dos Sonhos.

Antes de deixarem a Montanha Sagrada, o Rei da Lua e a Rainha do Sol tinham confiado os cristais ao príncipe Thorson,

seu protegido, para que este concluísse o treino que o habilitava a enfrentar Halvard. Todavia, apesar de ter sabido desse facto, Íris conservara-se em silêncio. Não fora uma decisão fácil, pois a omissão perante o Mestre Supremo era um crime de extrema gravidade. Porém, o instinto garantia-lhe que só contrariando aquela maldita profecia conseguiria salvar a Ilha Sagrada e a Terra. E, para isso, Halvard não podia pôr as manábulas nas Lágrimas.

Em tempos, planejar enganar o Mestre Supremo seria uma loucura. No entanto, o poder do soberano estava a decrescer... E Íris não fora a única a aperceber-se do estranho fenómeno. Inclusive, alguns Sacerdotes do Conselho pressionavam Celsus para que nomeasse um sucessor. Os dois nomes avançados dividiam opiniões e incendiavam ânimos. Aqueles que achavam que os Feiticeiros deviam dominar a Terra apoiavam o Sacerdote Ingimar; os que se revoltavam contra a chacina imposta ao Homem apoiavam o Sacerdote Regino. E a facção que pugnava pela paz não parava de crescer.

Quando Ingimar se dispusera a concretizar a profecia do Filho do Dragão recebera a anuência da maioria do Conselho. Todavia, ao longo dos anos, muitos Sacerdotes tinham acabado por retirar-lhe o apoio, ante a perniciosidade da empresa. Aos poucos, a máscara de perfeição de Ingimar fora descarnando. Aqueles que se tinham iludido, julgando-o tão magistral quanto o seu falecido irmão Hakon, viam-no como realmente era: um ente pérfido e ambicioso que não olhava a meios para atingir fins. Agora, as suas vozes uniam-se à de Regino, que desde sempre se recusara a admitir que os Feiticeiros manipulassem o destino do mundo.

Íris não escondia a admiração que nutria por Regino. Estava convencida de que só ele seria capaz de restabelecer a ordem e salvar as diferentes raças pensantes. Por outro lado, jamais se deixara enganar por Ingimar. Sempre o detestara... E essa aversão piorara quando ele tentara conquistar a sua graça. Na altura, julgara-o louco, pois nunca se tinham tolerado. Porém, no dia em que o facínora apresentara a execrável proposta ao Conselho, ficara claro que a descabida aproximação não passara de uma

estratégia para angariar vantagem. Afinal, ela era a *Observadora*! Tê-la como aliada resultaria num enorme benefício... Do mesmo modo que tê-la como adversária poder-se-ia revelar fatal para a sua causa.

Sem desviar os olhos do Óculo, Íris sussurrou uma prece. O vento favoreceria a frota dos pupilos de Sigarr... Por essa altura, era óbvio que o mestre da Arte Obscura já não iria acolher a sua súplica e mandá-los recuar. Ainda assim, ela alimentava a esperança de que um milagre preservasse a Ilha dos Sonhos. E as forças divinas pareciam dispostas a atendê-la! Lysander da Gente Bela conseguira alertar a Guardiã da Lágrima do Sol para a necessidade de evacuar a Ilha Mãe. Se tudo corresse bem, homens, mulheres e crianças estariam a salvo na Ilha dos Penhascos quando os inimigos chegassem.

Alentada por essa nova, a *Observadora* fixou a atenção no *drakkar* da rainha Thora. Os guerreiros esforçavam-se por não perturbar a concentração do príncipe do Povo da Terra e Kelda consumia-se de tristeza, mal se atrevendo a fitá-lo. Estavam perdidamente apaixonados, mas Lysander decidira afastá-la para não comprometer a sua missão... E fizera-o com palavras tão cruéis que Íris mal contivera as lágrimas ao espiar a conversa.

— Coragem, miúda! — deu por si a sussurrar. — Coragem!

Calou-se, receosa de que a excelsa percepção da jovem capturasse alguma oscilação de energia e rompesse o véu místico que as separava. Depois, abanou a cabeça... Era mesmo tonta! Ainda se comovia ao recordar a noite em que presenciara o casamento da feiticeira Catelyn com o *jarl* Throst. Ela e Hilda tinham chorado até perderem o fôlego, interrogando-se se, um dia, seriam abençoadas com um amor tão intenso e puro quanto aquele que se consumava diante do seu olhar. Soluçou sem querer... Sentia tantas saudades da amiga! Jamais haveria de superar o desgosto da sua morte.

De súbito, o seu coração sofreu um baque. Algo estava errado! Apesar de Lysander se quedar imóvel, Íris pressentia a sua agonia... Raios! Tamanha perversão só podia ser obra de Erebus! A mão trémula da *Observadora* deslizou sobre o Óculo do Tempo e, de imediato, avistou o navio que transportava o «Criador das

Trevas», confirmando as suas piores suspeitas... Sigarr escolhera bem os pupilos! Erebus era um usurpador de essências nato. O príncipe da Gente Bela não teria como resistir à sua sofreguidão assassina, tão debilitado que estava devido ao esforço de comunicar com a Rainha do Sol.

— Kelda... — murmurou, chamando a si a Visão do *drakkar*.
— Acode a Lysander... Ele não pode morrer!

A noite caía, mas os viquingues teimavam em navegar envolvidos em trevas. Os guerreiros entreolhavam-se inquietos, temendo naufragar contra as rochas da costa acidentada. A atenção de Kelda estava presa na tia, que ordenava o recolher da vela. A *Observadora* fechou as mãos sobre a pedra negra e cintilante do Óculo, até os nós dos dedos perderem a cor.

— Kelda — repetiu atormentada. — Kelda... Kelda...

Não podia intrometer-se... Não podia! Porém, se nada fizesse, seria o fim. Sem o *protetor*, a Terra estava condenada...

De súbito, o olhar verde-floresta da herdeira de Aranwen fixou-se no príncipe, estranhando a sua inércia. Enquanto Kelda gritava em pânico, a *Observadora* suspirava de alívio. Então, ao vê-la revelar o amuleto azul que carregava ao pescoço, Íris soltou uma exclamação abismada:

— Por todas as tuas ratazanas, Kelda... Julgava que não me guardavas segredos!

Mal podia acreditar nos seus olhos. A Montanha Sagrada ocultava as pedras mágicas de Aranwen com tanto esmero que nem o Óculo do Tempo era capaz de divisá-las. Como é que a azul chegara às mãos de Kelda? Aquela miúda não se cansava de surpreendê-la! O Mestre Supremo teria um delíquio quando lhe contasse... E se não lhe contasse? Com tão poderosa aliada, Kelda realizaria prodígios pela causa do Homem! E o primeiro já se concretizara. Lysander convulsionava sob a influência da energia curativa do amuleto, livrando-se do vômito pútrido da morte que, só por pouco, não o arrebatara.

Ofegante, Íris passou a mão pela testa e verificou que transpirava. Tamanha concussão era indigna de um Ser Superior! Devia refrear-se ou acabaria por se descontrolar diante do Mestre Supremo. Se o Conselho sequer sonhasse com as suas tentações

e omissões, haveria de reduzi-la a pó! Agora que o seu coração recuperara o ritmo, ponderava em como estivera perto de intervir. Felizmente, resistira! E os heróis da Terra tinham assumido o domínio da situação. Na Ilha dos Penhascos já se preparava a evacuação da Ilha dos Sonhos.